



AS ACELERADORAS BRASILEIRAS: LEVANTAMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DO FOCO, ATUAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

Clarissa da Silva Flôr¹

Gabriel Sant'Ana Palma Santos²

Maria Carolina Zanini³

Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers⁴

Clarissa Stefani Teixeira⁵

Resumo: A aceitação do produto pelo mercado e a concorrência são fatores determinantes para colocar uma ideia em prática e abrir o próprio negócio, estes ainda mais fortes quando se trata de uma startup inovadora, de base digital e com potencial de crescimento escalável. Este estudo tem como objetivo realizar um levantamento das aceleradoras brasileiras, identificando seus focos, atuações e distribuição territorial. Para isso, foi realizado um estudo de caráter descritivo exploratório com informações qualitativas, através de um mapeamento das aceleradoras brasileiras, busca por informações através de seus sites e um levantamento de dados. Como resultado, foi obtido acesso a características de 62 aceleradoras, incluindo suas distribuições ao longo do território brasileiro, localização em ambientes de inovação e informações quanto ao processo de aceleração. São Paulo apresenta destaque com 26 aceleradoras. Os indicadores das aceleradoras são difíceis de serem encontrados, não apenas no Brasil, mas no mundo. Entre os serviços prestados, encontram-se principalmente mentoria, capacitação, aporte financeiro e networking. A maioria das aceleradoras possui espaço para investidor, sendo algumas com valor fixo para cada acelerada e outras com valor variável dependendo da necessidade do programa, porém das que possuem, todas as empresas são contempladas. As aceleradoras atuam com negócios escaláveis e inovadores em diversas áreas: automação, energia, microeletrônica, modelagem computacional, software, realidade virtual, agronegócio, saúde, impacto social ou ambiental, marketing, finanças, legal, entre outros.

Palavras-chave: Aceleradoras. Serviços. Startup.

¹ Graduação em Administração. VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 3721-2451, e-mail: clari2.sf@gmail.com

² Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 3721-2451, e-mail: gabriel@acate.com.br

³ Graduada em Relações Internacionais. VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 3721-2451, e-mail: mariacarolina.zanini@gmail.com

⁴ Graduação em Economia. VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 3721-2451, e-mail: ana.cst.ehlers@gmail.com

⁵ Doutorado. Professora do Departamento de Engenharia do Conhecimento. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, VIA Estação Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, CEP: 88040-900, Fone: (48) 91585552, e-mail: clastefani@gmail.com



THE BRAZILIAN ACCELERATORS: A RESEARCH ABOUT THEIR FOCUS, ACTIONS AND TERRITORIAL DISTRIBUTION

Clarissa da Silva Flôr⁶

Gabriel Sant'Ana Palma Santos⁷

Maria Carolina Zanini⁸

Ana Cristina da Silva Tavares Ehlers⁹

Clarissa Stefani Teixeira¹⁰

Abstract: Product acceptance by the market and competition are key factors to put an idea into practice and open their own business, they even stronger when it comes to innovative startup, digital based and scalable growth potential. This study aims to conduct a survey of Brazilian accelerators identifying their focus, actions and territorial distribution. For this, an exploratory descriptive study with qualitative information was carried out through a mapping of Brazilian accelerators, search for information through their websites and a survey of the data. As a result, it has gained access to 62 acceleration and its characteristics, including distribution throughout the Brazilian territory, location in innovation environments and information about the acceleration process. São Paulo has featured 26 accelerator. The indicators of the accelerator are hard to find, not only in Brazil but in the world. Among the services provided are mainly mentoring, training, financial support and networking. Most accelerators have space to investor, with some fixed value for each accelerated and other variable value depending on the program need, but those that have, all companies are included. The accelerator work with scalable and innovative business in several areas: automation, energy, microelectronics, computer modeling, software, virtual reality, agribusiness, health, social or environmental impact, marketing, finance, cool, among others.

Keywords: Accelerators. Services. Startup.

⁶ Degree in Business. VIA Estação Conhecimento. Federal University of Santa Catarina – UFSC, Technological Center (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Zip Code: 88040-900, Phone: +55 48 3721-2451, e-mail: clari2.sf@gmail.com

⁷ Doctorate Degree. Graduate Program in Engineering and Knowledge Management. Federal University of Santa Catarina – UFSC, Technological Center (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Zip Code: 88040-900, Phone: +55 48 3721-2451, e-mail: gabriel@acate.com.br

⁸ Degree in International Relations. VIA Estação Conhecimento. Federal University of Santa Catarina – UFSC, Technological Center (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Zip Code: 88040-900, Phone: +55 48 3721-2451, email: mariacarolina.zanini@gmail.com

⁹ Degree in Economy. VIA Estação Conhecimento. Federal University of Santa Catarina – UFSC, Technological Center (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Zip Code: 88040-900, Phone: +55 48 3721-2451, e-mail: ana.cst.ehlers@gmail.com

¹⁰ PhD Degree. Professor, Department of Knowledge Engineering. Graduate Program in Engineering and Knowledge Management. VIA Estação Conhecimento. Federal University of Santa Catarina – UFSC, Technological Center (CTC) – Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Zip Code: 88040-900, Phone: +55 48 3721-2451, e-mail: clastefani@gmail.com



Introdução

Ao longo das últimas décadas, uma ampla variedade de mecanismos de apoio ao empreendedorismo está sendo incentivado. Não apenas em países de primeiro mundo, como Estados Unidos, mas diversos países, inclusive o Brasil, introduzem ambientes de inovação para dar suporte a empreendedores existentes e empreendedores nascentes. Neste contexto, governos, universidades e iniciativa privada apresentam estratégias ligadas aos processos de fortalecimento de empresas. Muitas destas iniciativas estão sendo realizadas para acelerar a criação de empresas de sucesso e mais recentemente para potencializar o alto crescimento de empresas *startups*.

Dentre os habitats de inovação com alta incidência no mundo estão os Parques (ADÁN, 2012), as incubadoras (BERGEK; NORRMAN, 2008; MIAN, LAMINE, FAYOLLE, 2016) e mais recentemente as aceleradoras. A proliferação das aceleradoras é indicada por autores como Birdsall et al. (2013), Cohen (2014) e Hochberg (2015). Segundo Cohen (2014) e Hochberg (2015) as estimativas do elevado número de aceleradoras varia entre 300 a 3000 considerando todos os continentes. A imprecisão dos dados é retratada por Cohen (2014). Especificamente no Brasil, informações precisas sobre o número de aceleradoras também não são encontradas de forma direta.

Para Pauwels et al (2016) as aceleradoras desempenham papel importante no estímulo do empreendedorismo, mas por ser um movimento que ainda pode ser considerado recente ainda não existem dados suficientes para considerar o futuro das aceleradoras. Birdsall et al. (2013) contextualizam que embora existam muitos *cases* de sucesso em diversos países e diferentes regiões o conhecimento sobre as características das aceleradoras ainda são escassos. Hochberg (2015) indica que há uma ausência geral de informações que represente em larga escala os dados de aceleradoras.

Pauwels et al (2016) chamam a atenção para a necessidade de novas análises com foco nos programas de aceleração e seus impactos. Hochberg (2015) considera que a investigação sobre o papel e a eficácia da aceleração ainda tem sido limitado na literatura. Além disso, pode-se dizer que estudos brasileiros com o foco nas aceleradoras apresentam uma lacuna de conhecimento e estudos que busquem reunir informações das aceleradoras existentes no Brasil não foram encontrados. Desta forma, o objetivo deste estudo é realizar levantamento das aceleradoras brasileiras identificando seus focos, atuações e distribuição territorial.



Método

O presente estudo caracteriza-se como sendo descritivo exploratório de corte transversal com informações qualitativas acerca das aceleradoras brasileiras (GODOY, 1995; VERGARA, 2000; PEREIRA, 2003).

A abordagem utilizada neste estudo tem viés qualitativo, pois quando a preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados (GODOY, 1995).

Inicialmente, foram mapeadas as aceleradoras em todos os estados brasileiros. Para tanto, se usou como base os documentos da Associação Nacional de Entidades Promotora de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC), Startupi, parques brasileiros, e uma checagem por meio do *google* com a palavra “aceleradora”. O mapeamento foi realizado no período de novembro de 2015 a junho de 2016 e chegou a 62 aceleradoras totais mapeadas em todas as regiões brasileiras.

Após a identificação das aceleradoras foram mapeados seus sites e assim foi realizado um levantamento de dados para a identificação das características e informações que seriam analisadas sobre as aceleradoras. Este mapeamento apresentou dados como: a localização (estado, município, endereço completo e se encontra dentro de algum ambiente de inovação); ano de fundação; segmentos essenciais de atuação da aceleradora; infraestrutura e serviços oferecidos; quantidade de startups (aceleradas, em aceleração, investidas e as totais informadas pelo site, ainda que sem diferenciação); o processo de seleção para o processo de aceleração; metodologias utilizadas e período de aceleração; e investimentos.

Ao todo foram encontradas 62 aceleradoras sendo que duas aceleradoras têm presença em mais de um estado e duas não foi possível localizar o site. Considerando as aceleradoras listadas oito delas se encontram com seus sites desatualizados, o que impediu uma análise em sua totalidade. Assim, o estudo considerou as 60 aceleradoras disponíveis na internet, sendo que duas apresentam presentes em mais de um estado. Quando os estados foram analisados foi considerada a presença das aceleradoras que atuam em mais de um estado brasileiro, totalizando assim 64 aceleradoras.

Ademais, muitas aceleradoras não mantêm em suas páginas informações pertinentes aos seus processos de aceleração; formas de inscrição, metodologia, investimento; fazendo com que não fosse possível obter um perfil adequado quanto a



estas. Assim, para a análise do presente estudo foram consideradas as 60 aceleradoras que apresentaram informações passíveis de serem analisadas.

Após o mapeamento e busca das informações, as aceleradoras¹¹ consideradas no presente estudo foram: FabriQ, Acelera Cimatec, Oxy, 85 Labs, InovAtiva, MidStage Ventures, Start You Up, Acelera MGTI, Aceleradora DE (de empresas), Aceleradora DI (de inovação), Aceleradora DS (de startups), Aceleradora TI (de tecnologia da informação), Techmall, Seed, Playbor, Aceleradora, Cesar.Labs, Jump Brasil, Hotmilk, Supernova, Aceleradora 2.5 (?), 21212, Startup RIO, Papaya Venture, Pipa, Outsource Brazil, Venture One, V. Start, Acelera Partners, Mandacaru, Estarte.Me, Trampolinean, Ventiur, WOW, Agriness, Darwin Starter, Senior, 777 Accelerator, Ace, Berriniventures, Artemisia, Baita, Gema Ventures, Germinadora, Aceleradora Municipal de Campinas, StartupFarm, CriaBiz, Move 2, NESst Brasil, Orgânica, Oxigênio, Syndreams, Sevna Seed, Verity Aceleradora, Viking Aceleradora, Wayra Brasil, Yunus, TreeLabs, Turbo, TechRok, Quintessa e ANIMATTO.

Resultados

Este estudo buscou realizar levantamento das aceleradoras brasileiras identificando seus focos, atuações e distribuição territorial. Uma aceleradora é uma organização que visa acelerar criação de novas empresas, fornecendo educação e orientação para empreendimentos durante um período limitado de tempo (COHEN; HOCHBERG, 2014). Para Miller e Bound (2011) e Cohen e Hochberg (2014) as aceleradoras são organizações que visam acelerar o sucesso dos empreendimentos; Cohen (2013) e Cohen e Hochberg (2014) consideram que as aceleradoras vão impulsionar as startups para rapidamente enfrentar as realizadas do mundo dos negócios e determinar se o empreendimento é realmente viável.

O conceito de aceleração, dentre as diferentes tipologias de habitats de inovação que vem sendo discutidas, é recente. Autores como Bruneel et al. (2012) indicam que as aceleradoras emergiram em meados de 2000 como uma resposta as deficiências dos modelos anteriores, como a geração de incubação, que são focadas principalmente no fornecimento de espaço de escritório e em casa negócio serviços de apoio. Diferentemente de outros habitats de inovação, como por exemplo, os Parques que

¹¹ A lista de aceleradoras analisadas e suas localizações podem ser encontradas em: <<https://mapme.com/habitats-de-inovacao-no-mundo>>. Acesso em 27 de junho de 2016.



datam da década de 50 (SANZ, 1998), e incubadoras que também datam de mesma década (SILVA; VELOSO, 2013), Cohen (2014) indica que a primeira aceleradora *Y Combinator*, foi fundada por Paul Graham em 2005, em *Cambridge, Massachusetts*, e logo se mudou e se estabeleceu no *Silicon Valley* – Estados Unidos.

Hochberg (2015) considera que a proliferação das aceleradoras é claramente evidente em todas as partes do mundo. Neste movimento, os governos incentivam cada vez mais a adoção dos modelos de aceleração. Estes indicativos refletem os dados brasileiros que apresentam ao menos 62 aceleradoras nas mais diversas regiões do Brasil, sendo que duas aceleradoras estão com ações em mais de um estado brasileiro. A Tabela 1 ilustra o número de aceleradoras conforme região e estado.

A Tabela 1 ilustra o número de aceleradoras avaliadas considerando o estado.

Região	Estado	Quantidade de aceleradoras
Norte	Acre	
	Roraima	
	Amazonas	1
	Rondônia	
	Pará	
	Amapá	
	Tocantins	
	Maranhão	
	Piauí	
Nordeste	Ceará	1
	Rio Grande do Norte	1
	Paraíba	
	Pernambuco	2
	Alagoas	
	Sergipe	
	Bahia	2
Centro Oeste	Mato Grosso	
	Mato Grosso do Sul	
	Goiás	
	Distrito Federal	1
Sudeste	Minas Gerais	10
	Espírito Santo	2
	São Paulo	26
	Rio de Janeiro	9
	Rio Grande do Sul	4
Santa Catarina	Paraná	2
	Santa Catarina	3
TOTAL		64

Fonte: Elaborado pelos autores.



Estados da região Centro-Oeste apresentam poucas aceleradoras, sendo apenas uma no Distrito Federal. Isso também é evidenciado na análise dos Parques Brasileiros, conforme indicações de Teixeira et al. (2015). Além disso, os estados do Norte também apresentam com poucas iniciativas tendo apenas no Amazonas uma aceleradora.

São Paulo é o estado de maior concentração de aceleradoras do Brasil. A região Sudeste também se destaca por Minas Gerais que apresenta 10 aceleradoras e Rio de Janeiro com 9 aceleradoras. Em diversos estudos a região Sudeste aparece com números que superam outras regiões do país. Não apenas nas aceleradoras, mas quando as análises são realizadas por Parques, por exemplo, São Paulo também aparece com os maiores números (GONÇALVES, SCHLICHTING, TEIXEIRA 2015; TEIXEIRA et al., 2015). Fonseca (2016) reforça essas informações e contextualiza que São Paulo não possui uma vertente única do empreendedorismo, o que pode ser futuramente uma vantagem competitiva. Para o autor, a cidade concentra várias entidades de apoio, tais como aceleradoras, incubadoras, investidores anjo, fundo de investimento, e com isso, um capital voltado para o empreendedorismo. Segundo o mesmo autor, estes ingredientes se intensificam quando comparados aos demais Estados do país. Estas informações vão ao encontro de Hwang e Horowitz (2012) que indicam, por exemplo, que o sucesso do *Silicon Valley* foi justamente à sabedoria em unir os ingredientes existentes no ecossistema. São Paulo aparece nos melhores índices considerando as melhores cidades para se empreender, conforme índice da endeavor (ENDEAVOR, 2015). No ranking *Connected Smart Cities* como a cidade mais inovadora (CONNECTED SMART CITIES, 2016). Assim, evidencia-se que o ambiente para o empreendedorismo e inovação é favorável.

Fehder e Hochberg (2014) consideram que as aceleradoras podem ser mais propensas de serem fundadas em regiões que têm níveis mais elevados de atividade de empreendedorismo. Considerando a maturidade do ecossistema das startups brasileiras, o SEBRAE-SC¹² indica os diferentes níveis de maturidade e colocam Rio de Janeiro e São Paulo como estando como ecossistema sustentável de empreendedores digitais.

O ranking do *Global Startup Ecosystem*¹³ (2015) contextualiza que São Paulo apresenta histórias de sucesso recentes, como Dafiti, Netshoes, e EasyTaxi e pode ter

¹² SEBRAE-SC. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alexsozanel/a-comunidade-de-startups>>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

¹³ *Global Startup Ecosystem*. Disponível em: <http://www.businesslocationcenter.de/imperia/md/blc/service/download/content/the_global_startup_eco_system_report_2015.pdf>. Acesso em: 26 de jun de 2016.



inspirado mais talento para reconsiderar o empreendedorismo como uma alternativa viável. Além disso, Fonseca (2016) indica que São Paulo ser um dos mais importantes centros financeiros do mundo, o que atrai grandes investidores e empresas para o Estado, e com isso *startups* e a demanda de maior número de aceleradoras e demais habitats. Hochberg (2015) informa que estas questões são cruciais para a presença de aceleradoras. A disponibilidade de financiamento (recursos) define a aglomeração destes empreendimentos, o que pode ser entendido das concentrações estarem de forma principal em São Paulo.

Em contrapartida, Hochberg (2015) discute que as aceleradoras podem emergir em diferentes regiões e em diferentes anos, muitas vezes por razões exógenas à natureza do ecossistema presente ou precisamente por sua falta. No caso do Brasil, os ambientes mais propícios para a inovação e o empreendedorismo são aqueles onde há presença de aceleradoras.

Em uma análise geral das aceleradoras, apenas cinco estão dentro de algum tipo de habitats de inovação, sendo uma nas cidades de Recife (PE) e Ribeirão Preto (SP), e outras três em Florianópolis (SC). Os habitats de inovação, segundo Teixeira, Almeida e Ferreira (2016) são espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são *locus* de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios. O habitat de inovação permite a integração da tríplice e procura unir talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o potencial empreendedor e inovador. O fato das aceleradoras estarem dentro de habitats de inovação pode dinamizar as ações realizadas de forma a utilizar o *know-how* do próprio ambiente de inovação ou ainda de seu networking, se for o caso. Entretanto, estudos que demonstrem essas facilidades não foram encontrados e ainda precisam ser realizados.

Também, de acordo com dados levantados, apenas duas aceleradoras (Acelera Cimatec e a Baita Aceleradora) se encontram dentro de instituições educacionais. Hochberg (2015) chama a atenção para as aspirações empreendedoras de alunos universitários. Nesse sentido, as universidades expõem seu novo papel de universidade empreendedora que traduz o conhecimento produzido em desenvolvimento econômico e social, assim como indica Etzkowitz (2003), começa a interagir com habitats de inovação da tipologia aceleradora. As universidades estão vivendo o que Amadei e Torkomian (2009) intitulam como a Segunda Revolução Acadêmica, que teve início em 1982 com a criação do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e altera a atuação



da universidade para uma vertente mais empreendedora juntamente com as empresas, contribuindo com a trajetória de inovação de muitos países considerados desenvolvidos.

Para Weise (2002) enquanto apoiadora da iniciativa privada em suas necessidades, a universidade oferece benefícios em termos de custo e competitividade para a indústria local por meio de parcerias entre ambas, a fim de as tornarem ágeis em um mercado de intensas e novas mudanças. Entretanto, as possibilidades para Instituições de Ensino Superior considerando os processos de aceleração e investimentos ainda precisam ser melhor estudados pela literatura.

As aceleradoras atuam com negócios escaláveis e inovadores em diversas áreas, como por exemplo, automação, energia, microeletrônica, modelagem computacional, software, realidade virtual, agronegócio, saúde, impacto social ou ambiental, marketing, finanças, legal, entre outros.

O foco das aceleradoras é tratado por Hochberg (2015) que considera que as acelerações iniciais apresentam principalmente atenção para startups de produção de software e serviços, software e aplicativos. Entretanto, espaços que considerem as especificidades de startups com foco, por exemplo, em ciências da vida já podem ser observados.

Das aceleradoras analisadas pelo estudo, sete dessas apresentam negócios de impacto social como segmento, entre elas estão: Aceleradora 2.5, Artemisia, NESst, Pipa, Quintessa, Turbo e Yunus. O termo 'Negócios de Impacto Social' surgiu com *Muhammad Yunus*, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2006, que se difere dos demais negócios pelo motivo de enquanto as empresas atuam com o objetivo de gerar receita sempre impulsionada pelo lucro e criação de valor para o acionista; os negócios sociais funcionam para o benefício e atendimento das necessidades sociais para todas as partes interessadas (PETRINI, SCHERER; BACK, 2016).

Autores como Lerner (2009) indicam que nos Estados Unidos alguns programas de apoio ao empreendedorismo não produziram retornos significativos. No Brasil, os programas de aceleração ainda não podem ser medidos seja pelo pouco tempo de existência dos mesmos, ou seja, pela falta de informações geradas pelas organizações responsáveis.

Os recentes esforços por parte da comunidade científica em coletar dados sobre startups presentes em programas aceleradores e sobre as características dos programas que frequentam oferecem uma oportunidade única para abordar questões de interesse para investidores e decisores políticos. Além disso, a disponibilização de dados poderia



fornecer informações e ser uma medida de transparência para que os empresários possam balizar suas participações em programas de aceleração (HOCHBERG, 2015). Entretanto, poucos são os dados encontrados na literatura e quando as aceleradoras são analisadas conforme o que disponibilizam em seu principal meio de comunicação – seus sites – estas informações muitas vezes inexistem de forma pública e, na maioria das vezes quando existem podem ser consideradas como incompletas.

Autores como Hochberg (2015) indicam essas problemáticas. Nas aceleradoras brasileiras, não é possível identificar com precisão a quantidade total de empresas em aceleração. De maneira geral, as aceleradoras indicam que já aceleraram entre 5 e 80 empresas.

Autores como Hochberg (2015) considera o fato de não se ter estudos e dados que indiquem as diferenças entre startups aceleradas e não aceleradas causa um prejuízo na tomada de decisão de gestores que podem desejar apoiar, incentivar ou ainda investir nos processos de aceleração. Em contrapartida Cohen e Hochberg (2014) e Hochberg (2015) contextualizam alguns pontos importantes de análise: i) a maioria dos aceleradores são organizações pequenas, com pessoal limitado e pouco rastreamento de dados organizados; ii) muitas aceleradoras não disponibilizam seus dados em uma comunicação pública, por razões competitivas; iii) muitos dados disponibilizados são suposições; iv) muitos dados são difíceis de serem coletados dada a natureza da fase inicial das empresas aceleradas; v) dificuldade em capturar corretamente os efeitos realizados pela aceleradora que tem impacto no equilíbrio geral do ecossistema empresarial da região.

Como forma de consulta, o autor indica a base *Seed-DB*¹⁴ que apesar dos problemas de dados incompletos e alta rejeição, é o maior repositório público dos dados de aceleração e pós-aceleração. No Brasil, não há um banco de dados para a consulta das aceleradoras, sendo assim há dificuldade de se ter dados acerca dos empreendimentos brasileiros.

Diferentemente do estudo de Cohen (2013) que indica que os programas aceleradores apresentam duração limitada (cerca de três meses) para ajudar as startups em seus processos de risco, os processos no Brasil podem durar de quatro semanas a um ano, dependendo da aceleradora que está propondo o processo.

¹⁴ Seed-DB. Disponível em: <<http://www.seed-db.com/>>. Acesso em 26 de jun de 2016.



A maioria das aceleradoras apresentam processos de seleção por meio de edital. O processo de aceleração brasileiro considera, em grande parte das aceleradoras as seguintes necessidades para a participação no processo seletivo:

- Encaminhar proposta – formulário pelo site da aceleradora, ou email e vídeo (justificando os motivos de ser acelerado);
- Entrevista presencial ou a distância;
- Reunião de socialização com os candidatos.

As aceleradoras que indicam seus quantitativos chamam de cinco a 12 startups para a participação no processo de aceleração. Além disso, algumas aceleradoras informam que o número de selecionadas pode ser variável.

Limeira (2014) afirma que “os principais impactos esperados com a atuação das aceleradoras são a taxa de sobrevivência e a taxa de sucesso, medidas pelo valor dos investimentos alocados nos negócios e pelo crescimento das receitas e dos lucros das aceleradas”. Cohen (2013) indica que a aceleração vai além dos espaços de trabalho. Eles também oferecem uma infinidade de oportunidades de networking, com ambos os empreendimentos de pares e mentores, que poderiam ser empresários de sucesso, egressos do programa, capitalistas de risco, investidores anjo, ou mesmo corporativos executivos. Autores como Isabelle (2013) indica que o modelo de aceleração inclui serviços intangíveis, como mentoring e networking.

Ponto importante de salientar, se associa a que a aceleradora não é projetada para oferecer recursos físicos ou serviços de apoio de escritório durante um longo período de tempo, como os processos de incubação. Cohen (2013) indica que as aceleradoras ajudam empreendimentos a definir e construir seus produtos iniciais, identificar segmentos de clientes promissores, e recursos seguros, incluindo o capital e os empregados. Entre os serviços prestados pelas aceleradoras brasileiras, encontram-se principalmente mentoria, capacitação, aporte financeiro e networking.

Feldman e Zoller (2012) chamam a atenção para o capital social envolvido nos processos de aceleração. Os programas realizados pelas aceleradoras cultivam uma rede de valor de mentores e investidores que trazem o suporte e tornam possível o crescimento das empresas ao longo dos programas de aceleração.

A maioria dos programas terminam com um grande evento, um "dia de demonstração", onde os empreendedores acelerados apresentam suas propostas para um público de investidores qualificados (COHEN, 2013). Nas aceleradoras brasileiras estas práticas são identificadas e, na maioria das vezes, os empreendedores se preparam para



que nesta etapa seja apresentado o seu case aos investidores. Autores como Cohen (2013) e Cohen e Hochberg (2014) chamam esse dia de *demoday*. A apresentação é realizada por meio de um *pitch* que é uma apresentação que a startup faz e que contém informações como: problema que resolve, a solução, o mercado potencial, como vai ganhar dinheiro e a equipe. Para Hochberg (2015) no momento do *pitch* ou no *demoday* é que os investidores conseguem observar várias empresas e assim lançar em uma única instância, e em uma única vez em que se está na região, as propostas de investimentos. Ainda assim, é possível apenas identificar as oportunidades sem maiores comprometimentos. Segundo o mesmo autor, a maioria dos investidores são mentores o que possibilitam o conhecimento prévio de muitas *startups* identificando suas potencialidades e fraquezas.

A maioria das aceleradoras brasileiras possui espaço para investidor. Hochberg (2015) indica que as aceleradoras servem de dupla função: i) como classificadoras de negócios e ii) como agregadores de negócio. Algumas aceleradoras apresentam valor fixo para cada acelerada e outras com valor variável dependendo da necessidade do programa, porém das que possuem, todas as empresas são contempladas. Cohen (2013) indicam que as aceleradoras geralmente aportam uma pequena quantidade de capital semente. Além disso, as aceleradoras oferecem investimentos (capital) em troca de participação acionária. Autores como Cohen (2013) e Cohen e Hochberg (2014) indicam que estes valores podem variar de 5-7% na participação do capital da empresa.

Para Pauwels et al (2016) os processos de aceleração são menos focados em capitalistas de riscos e mais ligadas ao *business angels* e investidores individuais de pequena escala. De acordo com as informações disponibilizadas nos sites das aceleradoras brasileiras todas as *startups* que passam pelos processos de aceleração podem receber investimentos. Estes aportes no Brasil, variam de 150 milhões de reais. Cohen (2013) e Cohen e Hochberg (2014) indicam que muitos programas aceleradores, embora não todos, fornecem ajuda de custo ou investimento pequeno (US \$ 26 mil, em média, variando em até US \$ 150 mil) para suas *startups*.

Autores como Hochberg (2015) citam a existência de fundos específicos. Em muitos casos brasileiros estes são observados, mas são necessários novos estudos com enfoque especialmente para essa questão.

De maneira geral, pode-se dizer que as aceleradoras fornecem uma triagem inicial de ideias de alta qualidade e, durante seus processos, agregam as melhores



ofertas em termos de negócio em um único local – *demoday* – facilitando acesso aos investidores.

Considerações Finais

A aceitação do produto pelo mercado e a concorrência são fatores determinantes para colocar uma ideia em prática e abrir o próprio negócio, estes ainda mais fortes quando se trata de uma *startup* inovadora, de base digital e com potencial de crescimento escalável. Apesar das possibilidades de crescimento e formulação do modelo de negócio, aliada ao diferencial competitivo, muitas empresas ainda tem dificuldades de se firmar e acabam falhando logo no início. Neste contexto, surge a proposta das aceleradoras que vêm ajudar empreendedores a alcançar patamares de competitividade. Entretanto, mesmo estas tendo presença considerável no ecossistema de países internacionais, no Brasil as iniciativas ainda são poucas e carecem de estudos científicos que identifiquem como estas estão atuando em prol dos empreendedores brasileiros.

No Brasil, foram encontradas 62 aceleradoras em diversas regiões do país. São Paulo apresenta destaque com 26 aceleradoras. Os indicadores das aceleradoras são difíceis de serem encontrados, não apenas no Brasil, mas no mundo. Fato interessante de se ressaltar foi nos achados de Hochberg (2015) que indicou que as aceleradores têm positivos efeitos sobre o ecossistema, independentemente dos seus efeitos sobre o pequeno número de empresas que atende, pois o investimento em programas de aceleração tem um impacto maior sobre a região.

Entre os serviços prestados, encontram-se principalmente mentoria, capacitação, aporte financeiro e networking. A maioria das aceleradoras possui espaço para investidor, sendo algumas com valor fixo para cada acelerada e outras com valor variável dependendo da necessidade do programa, porém das que possuem, todas as empresas são contempladas. As aceleradoras atuam com negócios escaláveis e inovadores em diversas áreas: automação, energia, microeletrônica, modelagem computacional, software, realidade virtual, agronegócio, saúde, impacto social ou ambiental, marketing, finanças, legal, entre outros.

Algumas não apresentam a quantidade total de empresas em aceleração, porém das que indicam pode-se dizer que a quantidade varia, sendo que algumas selecionam



cinco, outras de oito a 12 e algumas informam que esta quantidade pode ser variável de acordo com as propostas. A quantidade de empresas aceleradas varia e chega entre números de cinco a 80 startups, porém estes dados ainda precisam de atualizações uma vez que muitas informações nos sites das aceleradoras são inexistentes.

Referências Bibliográficas

ADÁN, Carmen. El ABC de los parques científicos. **Seminarios de La Fundación Española de Reumatología**, v. 13, n. 3, p. 85-94, 2012. Disponível em:
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1577356612000267>>

AMADEI, J. R. P.; TORKOMIAN, A. L. V. As patentes nas universidades: análise dos depósitos das universidades públicas paulistas. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 2, p. 9-18, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n2/01>>

BERGEK, Anna; NORRMAN, Charlotte. Incubator best practice: A framework. **Technovation**, v. 28, n. 1, p. 20-28, 2008. Disponível em:
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497207001046>>

BIRDSALL, M. et al. **Business accelerators: The evolution of a rapidly growing industry.** University of Cambridge, Cambridge (MBA Dissertation ad Judge Business School and Jesus College), 2013. Disponível em: <http://startup-accelerator.com/sites/default/files/cambridge_startup_%20accelerator_research.pdf>

BRUNEEL, J. et al. The Evolution of Business Incubators: Comparing demand and supply of business incubation services across different incubator generations. **Technovation**, v. 32, n. 2, p. 110-121, 2012. Disponível em:
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497211001659>>

COHEN, S. What Do Accelerators Do? Insights from Incubators and Angels. **Innovations – Accelerating Entrepreneurship**, v. 8, n. ¾. 2013

COHEN, S. G.; HOCHBERG, Y. V. **Accelerating Startups: The Seed Accelerator Phenomenon.** 2014.



CONNECTED SMART CITIES 2016. Disponível em:

<<http://www.connectedsmartcities.com.br/index.php/ranking/>>

ENDEAVOR 2015. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/indice-cidades-empendedoras-2015/>>

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university-industry-government relations. **Research Policy**, v. 29, Elsevier Science B.V., 2000.

FEHDER, D. C.; HOCHBERG, Y.V. Accelerators and the regional supply of venture capital investment. Available at SSRN 2518668, 2014.

FELDMAN, M.; ZOLLER, T. D. **Dealmakers in place: Social capital connections in regional entrepreneurial economies.** **Regional Studies**, v. 46, n. 1, p. 23-37, 2012.

FONSECA, M. C. **O ecossistema de startups de software da cidade de São Paulo.** 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45134/tde-23022016-204626/en.php>>

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, 1995.

GONÇALVES, R.; SCHLICHTING, A.; TEIXEIRA, C. S. **Benchmarking dos Parques do Brasil**, 2015.

GLOBAL STARTUP ECOSYSTEM. Disponível em:

<http://www.businesslocationcenter.de/imperia/md/blc/service/download/content/the_global_startup_ecosystem_report_2015.pdf>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

HOCHBERG, Y. V. **Accelerating Entrepreneurs and Ecosystems: The Seed Accelerator Model.** Rice University, MIT & NBER. 2015.



HWANG, V. W.; HOROWITT, G. **The Rainforest** – The Secret to Building the Next Silicon Valley. Regenwald Publishers, USA, 2012.

ISABELLE, D. A. Key Factors Affecting a Technology Entrepreneur's Choice of Incubator or Accelerator. **Technology Innovation Management Review**, v. 3, n. 2, p. 16, 2013.

LERNER, Josh. **Boulevard of broken dreams**: why public efforts to boost entrepreneurship and venture capital have failed--and what to do about it. Princeton University Press, 2009. Disponível em: < <http://migre.me/udqbS>>

LIMEIRA, T. M. V. **O papel das aceleradoras de impacto no desenvolvimento dos negócios sociais no Brasil**. Relatório de Pesquisa. São Paulo, 2014. Disponível em: < http://ice.org.br/wp-content/uploads/pdfs/O_papel_das_aceleradoras.pdf >

MIAN, S.; LAMINE, W.; FAYOLLE, A. Technology Business Incubation: An overview of the state of knowledge. **Technovation**, v. 50, p. 1-12, 2016. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497216000183>>

MILLER, P.; BOUND, K.. The startup factories. NESTA. Disponível em: <<http://businessincubation.com.au/wp-content/uploads/StartupFactories-Accelerators-Evaluation-NESTA-June-2011.pdf>>

PAUWELS, Charlotte et al. Understanding a new generation incubation model: The accelerator. **Technovation**, v. 50, p. 13-24, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497215000644>>

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Koogan, 2003.

PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. **Modelo de negócio com impacto social**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 56, n. 2, p. 209-225, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/60323/58594>>



SANZ, L. Parques Científicos y Tecnológicos: breve visión panorámica de sus modelos y tendencias. **Anais**. VIII Brazilian Seminar o Business Incubators and Science Parks. ANPROTEC and IASP Latin American Division General Meeting. Brasil: Belo Horizonte; 1998.

SEBRAE. Slide Share. - **A comunidade de startups catarinense**. 2014. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alexsouzanet/a-comunidade-de-startups>>. Acesso em 26 de jun de 2016.

SEED-DB. Disponível em: <<http://www.seed-db.com/>>. Acesso em 26 de jun de 2016.

SILVA, Jurema Barreto da; VELOSO, Yasmin Silva. **Manual: Programa Multincubadora de Empresas**. Brasília. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico/UnB. 2013. Disponível em: <http://www.cdt.unb.br/vitrinetecnologica/arquivos/bibliotecavirtual/manuais_cdt/livro_2_Multincubadora_WEB.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2016.

TEIXEIRA, C. S. et al. **Benchmarking de habitats de inovação: Brasil**. 2015. 190p.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

WEISE, M. R. et al. **Parcerias entre instituições de ensino e pesquisa, estado e a iniciativa privada e a geração de inovações tecnológicas: um estudo de caso da INTEC**. 2002. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/84019>>